

\* Portanta, Associação de Arqueologia Ibérica; Município de Odivelas; UNIARQ - Centro de Arqueologia da UL; CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da UC.

\*\* iDryas-GAP lab - Grupo Dryas Octopetala; CENCIFOR - Associação Centro de Ciências Forenses; CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da UC.

\*\*\* Departamento de Ciências da Vida da FCTUC; CIAS - Centro de Investigação em Antropologia e Saúde da UC.

# Perscrutando espólios antigos: a anta de Sobreira 1 (Elvas)

Rui Boaventura\*  
Maria Teresa Ferreira\*\*  
Ana Maria Silva\*\*\*

**Resumo** Os espólios arqueológico e antropológico recolhidos por Nery Delgado na anta de Sobreira 1 em 1895 são alvo de revisão e valorização, demonstrando a utilidade do estudo global de colecções “antigas”. A anta apresenta um número mínimo de seis indivíduos, três adultos e três não-adultos, valor compatível com a quantidade de artefactos ali conhecidos. A datação relativa e absoluta colocam a utilização deste sepulcro entre meados e finais do IV milénio a.n.e. e na transição para o seguinte.

**Abstract** The archaeological and anthropological remains recovered from the dolmen of Sobreira 1 by Nery Delgado in 1895 are the subject of revision and appreciation, demonstrating the usefulness of integrated studies on “old” collections. This dolmen presented a minimum number of six individuals, three adults and three non-adults, compatible with the amount of artefacts known from there. The relative and absolute dating places its use between the middle and the end of the 4<sup>th</sup> millennium BCE and in transition to the next one.

<sup>1</sup> O estudo do espólio arqueológico e antropológico da anta de Sobreira 1 foi promovido e coordenado por R. Boaventura, com a fundamental colaboração para o estudo da colecção osteológica de M. T. Ferreira e D. Boutilier, sob a direcção científica de A. M. Silva.

## Introdução

No âmbito do programa anual *Mega-Osteology*, promovido pela Portanta, Associação de Arqueologia Ibérica, e desenvolvido no Museu Geológico em 2007 e 2008, foi possível proceder à revisão e estudo de várias colecções arqueológicas, com especial atenção aos restos osteológicos humanos, exumadas de sepulcros dos IV e III milénios a.n.e. do Centro e Sul de Portugal.

O presente trabalho reavalia o espólio da anta de Sobreira 1 (Elvas, Alentejo), procurando conciliar algumas das possíveis abordagens para um melhor entendimento dos indivíduos ali depositados e o seu enquadramento nas práticas funerárias daquelas sociedades agro-pastoris<sup>1</sup>. A anta de Sobreira 1 foi intervencionada durante o mês de Junho de 1895 por iniciativa de Joaquim Filipe Nery Delgado, então Director dos Serviços Geológicos. Provavelmente contou com a colaboração de colectores daquela

instituição, pois nesse ano foram desenvolvidas várias campanhas de prospecção na região de Elvas no âmbito do levantamento geológico do território português (Delgado, 1895; Carneiro, 2001, 2005; Leitão, 2004). O espólio exumado foi posteriormente depositado no actual Museu Geológico, hoje com o código de sítio MG176<sup>2</sup>. Alguns dos artefactos estudados apresentavam ainda coladas as etiquetas originais, assim como, associadas ao espólio osteológico, havia etiquetas de cartão (já não as originais porque dactilografadas), referindo “11-6-95 // Dolmen de Vila Fernando // 1 km. a N.-64°-O. do Monte // S. Romão”.

O apontamento de N. Delgado (1895) também datado de Junho de 1895, à semelhança do espólio, é relativamente detalhado acerca do tipo de espólio recolhido:

*“Dólmen arrazado a 1 Kil. a N64°O do monte de S. Romão. Ali encontraram-se 3 facas de sílex, 1 [setta], 8 ou 9 machados de pedra, 1 goiva, 3 tijelas de barro negro, 3 calotes cranianas humanas, e fragmentos de [ilegível]. O dolmen estava de [certo] modo destruído, sem [ilegível] as pedras q. o formavam, e q. estavam tombadas no solo, como os afloramentos da camada de calcários para ali abrirem um pedreira!”*

Ainda naquele apontamento, N. Delgado começava por referir a existência, hoje perdida, de outro sepulcro, todavia já esvaziado, talvez uma cista megalítica, mas que não parece corresponder a nenhum dos sepulcros mencionados por autores posteriores:

*“A 250m a N83°O do monte de Villa Fernando [ou Conceição] veêm-se ainda os restos de uma sepultura prehistorica, ou protohistorica, formada de lajes enterradas verticalmente no solo, e formando um espaço rectangular alargado. Dizem q. se encontrou ali um esqueleto, mas ha mto. tempo q. está abandonada; desde o começo das obras da colonia penal de Villa Fernando.”*

Outros manuscritos de Carlos Ribeiro e N. Delgado, da segunda metade do século XIX, efectuados durante os trabalhos de prospecção geológica, nomeadamente das regiões do Centro e Alto Alentejo, onde Elvas se localiza, listavam as coordenadas de algumas dezenas de antas, realçando a atenção dada àquele tipo de vestígio arqueológico (Neto,

1976–1977). No entanto, a localização da anta de Sobreira 1 não parece corresponder a nenhum dos potenciais sepulcros anotados. Por outro lado, a informação constante naqueles apontamentos não teve a atenção devida nas décadas seguintes, pois muitas das antas listadas foram posteriormente inventariadas *ad novo* por outros autores, ainda que conhecedores das referidas listas, nomeadamente por António Dias de Deus e Abel Viana (Deus & Viana, 1953; Viana, 1950; Viana & Deus, 1952, 1955<sup>3</sup>, 1957) e pelo casal Leisner (1959).

Apesar da limitada repercussão dos trabalhos e registos oitocentistas, a intervenção na anta de Sobreira 1 não terá passado despercebida à população local, pois na década de 1930 ainda se mantinha uma vaga memória da acção, “realizada pelos engenheiros portugueses que trabalharam nas edificações da Colónia de Vila Fernando”, referindo-se a existência de “esqueletos colocados verticalmente”, tendo alguns materiais sido enviados para Lisboa. Isto é mencionado e confirmado por A. Viana (1950, p. 295) e A. D. Deus (Viana & Deus, 1952, 1955).

Inicialmente, A. D. Deus e António Luís Agostinho, ambos funcionários da Colónia Penal de Vila Fernando, desenvolveram entre 1934 e 1941 diversas pesquisas na região de Elvas. Uma dessas acções, encabeçada por A. L. Agostinho, incidiu na anta de Sobreira 1, alvo dos anteriores trabalhos de N. Delgado. Certamente por isso, os poucos resultados limitaram-se à recolha de restos ósseos (Viana, 1950; Viana & Deus, 1952 e 1955), hoje sem paradeiro conhecido. Posteriormente, entre 1941 e 1955, A. D. Deus desenvolveu novas pesquisas nas antas de Elvas e concelhos limítrofes, entretanto relatadas a A. Viana (1950), bem como outras em colaboração com aquele (Deus & Viana, 1953; Viana, 1956; Viana & Deus, 1952, 1955, 1957).

Os diversos relatos dos escavadores das antas vizinhas de Sobreira 1 (Viana, 1950; Deus & Viana, 1953; Viana, 1952, 1955, 1957; Leisner & Leisner, 1959) realçaram a presença, por vezes abundante, de restos osteológicos humanos, com certeza resultante do grau de preservação proporcionado pelo substrato rochoso

<sup>2</sup> A anta de Sobreira 1 não tem ainda Código Nacional de Sítio (CNS) na base de dados do património arqueológico português, Endovélico.

<sup>3</sup> A publicação de A. Viana e A. D. Deus (1955) é a versão em língua portuguesa, com mais alguma documentação, de um primeiro trabalho publicado em língua castelhana (Viana & Deus, 1952).

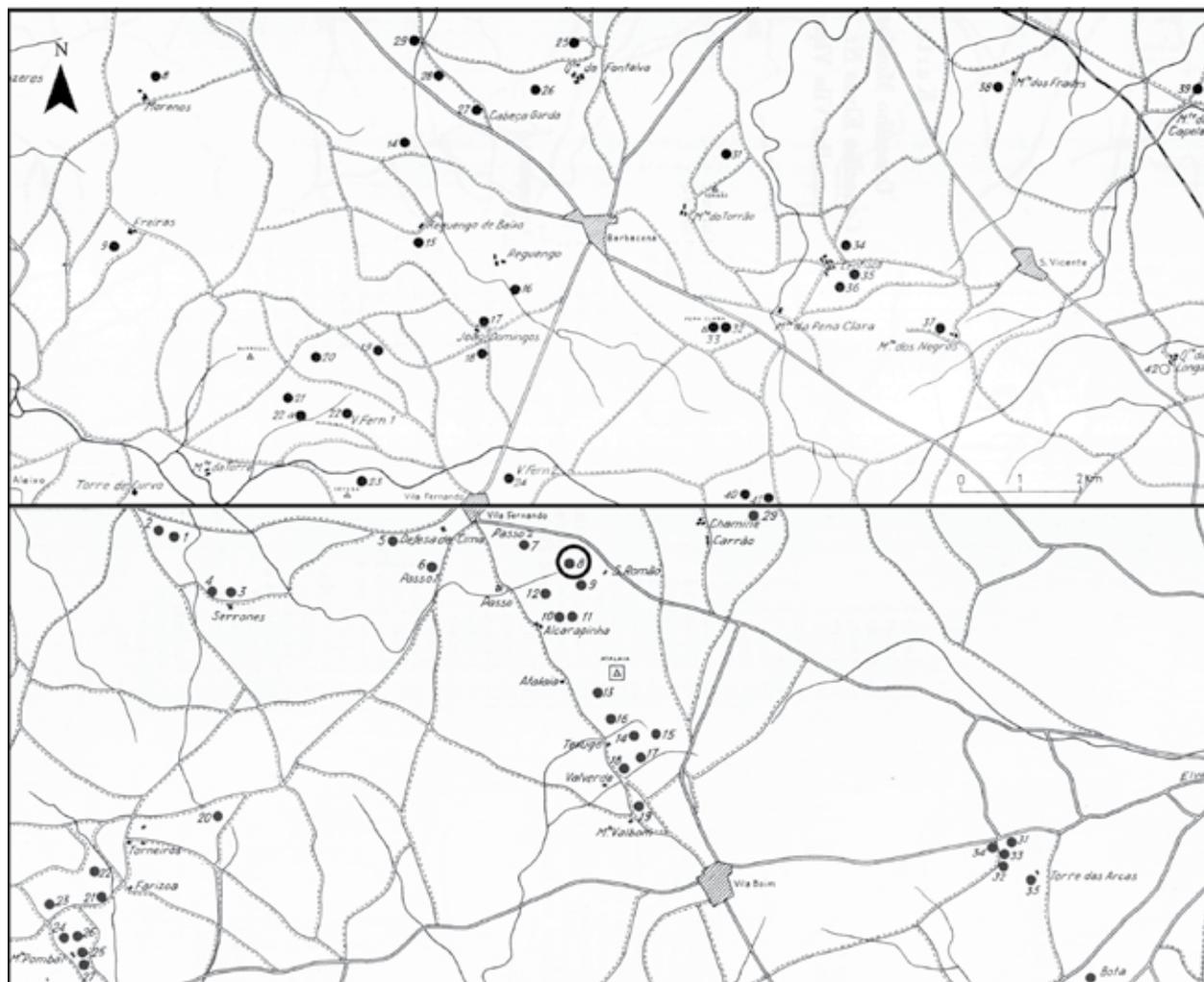
calcário cristalino. Portanto, não será despiciendo recordar alguns desses sepulcros, dos quais se registaram relatos pertinentes para a antropologia funerária.

O túmulo ou jazigo de Genemigo, também referido como Jeremigo e Joãonimigo (Viana, 1950, Leisner & Leisner, 1959), situava-se no lado sul do *tumulus* da anta de Genemigo 3 (Viana & Deus, 1952, 1955) e, provavelmente, corresponderia a um *tholos* inserto naquela mamoa, à semelhança daquelas conhecidas na área de Reguengos de Monsaraz (Leisner & Leisner, 1951). Terá sido escavado em 1934 por A. L. Agostinho e A. D. Deus e, segundo informações orais do primeiro escavador ao casal Leisner, a cerca de 6 m da anta, num espaço de 5 x 3,5 m, a 0,6–0,7 m de profundidade, por baixo de camadas de placas de 0,2 a 0,3 m, foram encontrados diversos ossos humanos e artefactos (Leisner & Leisner, 1959, p. 54). A. D. Deus (Viana & Deus, 1955, p. 160), para além de referir que a distância entre a anta e o “jazigo” era de apenas 2 m, acrescentava tratar-se de 12 esqueletos, dispostos numa fila paralela ao corredor da anta. Próximo dos crânios, cobertos por pequenas camadas de pedras, encontravam-se vasos, contas e ídolos-placa. Ao fundo da fila existia uma área quadrada de aproximadamente 1 m<sup>2</sup>, com mais de 100 calhaus redondos, de forma semelhante, provavelmente provenientes dos cursos fluviais circundantes. Apesar de A. L. Agostinho referir que o material proveniente deste sepulcro estaria depositado no hoje Museu Arqueológico de Vila Viçosa e, eventualmente, parte no Museu Municipal de Elvas, desconhece-se o paradeiro dos restos ósseos, situação que era já referida pelo casal Leisner (1959).

No mesmo ano, A. L. Agostinho e A. D. Deus escavaram também a anta da Herdade da Alcarapinha 1, muito próxima de Sobreira 1, e encontrada aparentemente intacta. Mais uma vez, as descrições avançadas pelos dois investigadores não são exactamente coincidentes. Enquanto A. L. Agostinho refere que os esqueletos se encontravam “sentados” (Leisner & Leisner, 1959, p. 59), a descrição de A. D. Deus é mais pormenorizada: “Dentro estavam sete esqueletos dispostos da seguinte maneira: os crânios

*juntavam-se ao centro, formando círculo, encostados uns aos outros; os corpos estendiam-se na direcção dos esteios, lado a lado. Os cadáveres foram, pois, arrumados radialmente, mas como o espaço da câmara sepulcral não chegava para serem estendidos, encurvaram-nos paralelamente uns aos outros. O conjunto apresentava a configuração de um suástica de ramos curvos”* (Viana, 1950, p. 293 e figura 2; Viana & Deus, 1955).

O jazigo de Alcarapinha, localizado entre 40 m e 60 m da anta de Alcarapinha 1 (CNS-3973; Viana, 1950; Viana & Deus, 1955), situava-se junto de três sepulturas romanas, e correspondia a um espaço sem delimitação de pedras (com cerca de 3,5 m<sup>2</sup>), assentando no substrato rochoso. Segundo A. L. Agostinho, dentro apresentava sinais de enterramentos colectivos, encontrando-se a 0,3–0,5 m da superfície, muitos destruídos, provavelmente pela acção do arado. Esta descrição levou o casal Leisner a considerá-lo um sepulcro megalítico destruído (Leisner & Leisner, 1959). Entretanto, A. D. Deus referiu ainda que a camada mais profunda daquele espaço “(...) era constituída por uma oleosa e rija massa de cinzas e ossos calcinados, sobre a qual se recolheu diverso espólio funerário” (Viana, 1950, p. 294). Na publicação de 1955 a descrição pormenorizava a presença de carvões e conchas de moluscos, “variando a espessura de tal camada entre 5 e 10 centímetros” (Viana & Deus, 1955, p. 161). A anta da Herdade do Texugo 2 foi escavada em 1951 por A. D. Deus e A. Viana (1953). Na câmara havia uma divisão do conteúdo por meio de uma camada de pedras pequenas. Na camada superior encontravam-se dois esqueletos, em muito mau estado de preservação, rodeados por pequenos fragmentos ósseos. Na camada inferior, os 14 crânios detectados encontravam-se junto à base dos esteios, o que levou os autores a sugerir terem sido depositados sentados (Deus & Viana, 1953, p. 236). Registaram ainda uma concentração de restos ósseos numa depressão junto do esteio de cabeceira. A existência actual dos restos osteológicos dos casos descritos poderia esclarecer muitas das dúvidas suscitadas nas notícias antigas, bem como permitir o seu estudo com novas aborda-



gens metodológicas, à semelhança do efectuado com a colecção de Sobreira 1. Contudo, ainda que nas notícias anteriores se refira o depósito dos respectivos espólios, sobretudo nos Museus de Arqueologia do Paço Ducal de Vila Viçosa e Municipal de Elvas, a ausência dos restos ósseos humanos naquelas instituições reforça a sensação de que os seus escavadores não terão procedido à sua recolha sistemática e integral e subsequente depósito, tendo valorizado somente o material artefactual. Para a região alentejana, onde a acidez dos solos não permite na maior parte dos casos a preservação de material orgânico, nomeadamente osteológico, a recolha daquele material, normalmente escasso, teria sido com certeza uma importante mais-valia. Afinal, apesar dos milhares de sepulcros conhecidos para os IV e III milénios a.n.e. desta região, deparamo-nos

com uma desproporcionada carência de material osteológico, para uma melhor compreensão dos indivíduos daquelas comunidades neolíticas, que os construíram e utilizaram.

### 1. A anta de Sobreira 1 e a sua implantação

A anta de Sobreira 1 localizava-se num dos cabeços conhecidos ainda hoje por “Alcarapinhas” (Fig. 1), correspondendo a um relevo destacado de calcários cristalinos da plataforma de Elvas (Fig. 2), encontrando-se ameaçada por uma frente de pedra à data das visitas de N. Delgado e, ainda na década de 1950, do grupo de Vila Fernando e do casal Leisner. Entretanto, na década de 1990 este sepulcro já não foi encontrado, havendo que admitir-se já erradicado (Dias & Lago, 1992, *apud* Lopes, 1993).

Fig. 1 – Anta de Sobreira 1 (círculo maior) e os outros sepulcros megalíticos da região de Elvas, nomeadamente: 18- Anta de Genemigo 3 e jazigo; 10- Anta de Alcarapinha 1, 11- Jazigo de Alcarapinha; 15- Anta de Texugo 2. A numeração corresponde àquela dos mapas originais (Adaptado de G. e V. Leisner (1959, Tafel 96 e 97).

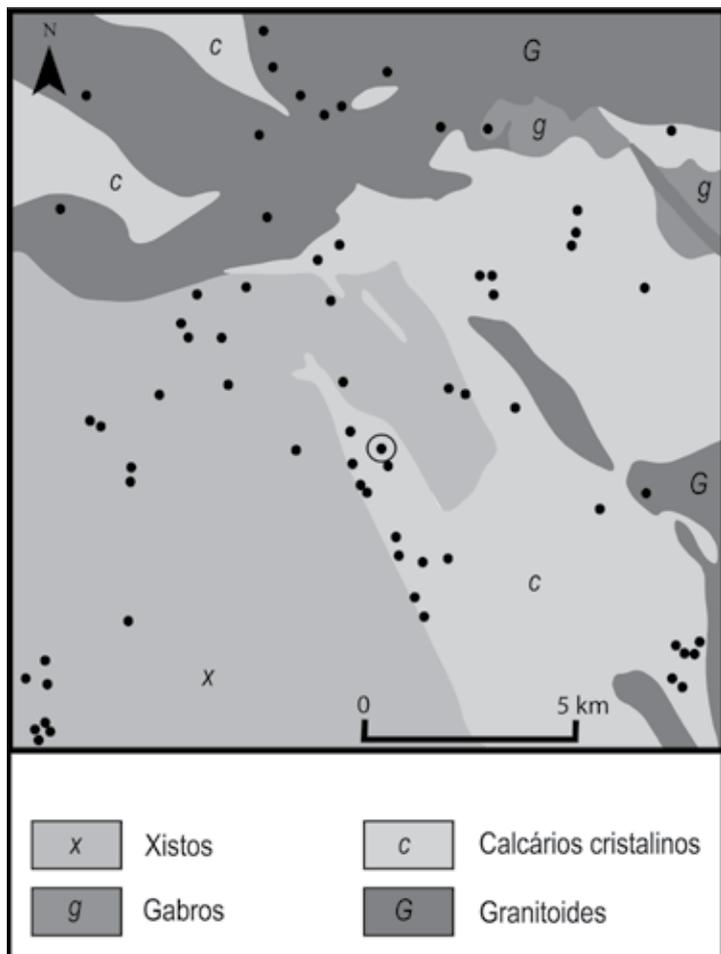


Fig. 2 – As antas e a geologia da região de Elvas. Sobreira 1 com um círculo maior. Mapa simplificado e baseado nas Cartas Geológicas de Portugal, 1: 50000, folhas 33C (1971), 36B (1972) e 37A (1969). Serviços Geológicos de Portugal.

Sobreira 1 não se encontrava isolada naquela região. Pelo contrário, na área em redor desta anta registava-se uma densidade de sepulcros megalíticos relativamente elevada (Fig. 1), indicando uma ocupação humana importante a eles associada, que conduziu a um período de construção e posterior utilização daquelas estruturas funerárias integráveis no fenómeno do Megalitismo. Infelizmente, o incremento da mecanização agrícola e algumas pedreiras conduziram ao desaparecimento da maioria das antas daquela área depois da década de 1950. Resta portanto saudar as publicações existentes de investigadores anteriores, que nos permitem hoje um conhecimento menos truncado daquelas realidades.

As únicas plantas conhecidas da anta de Sobreira 1 (Fig. 3) foram providenciadas por A. Viana e A. D. Deus (Viana, 1950; Viana & Deus, 1955), e pelo casal Leisner (1959, Tafel 10, 2). As duas primeiras plantas (Viana,

1950; Viana & Deus, 1955) foram apresentadas sem qualquer tipo de escala, apenas indicando a orientação cardeal do eixo da estrutura, a este e, posteriormente, a sudeste (Fig. 3A–B). A primeira surgia como um sepulcro quase completo de câmara poligonal com 7 esteios, sendo o de maior dimensão aquele de cabeceira, prolongando-se por um corredor, de que restavam apenas dois esteios do lado sul. A segunda planta (Leisner & Leisner, 1959, Tafel 10, 2) era apresentada com apenas 4 esteios de uma câmara poligonal, ainda que sem bloco de cabeceira, prolongando-se por um pequeno corredor, com um esteio longo do lado sul e outro menor a norte (Fig. 3C).

A discrepância entre as duas primeiras plantas da anta de Sobreira 1, bem como as suas orientações, poderia dever-se a um registo baseado inicialmente na “viva memória” de A. D. Deus (Viana, 1950, p. 290), posteriormente rectificado após visita de A. Viana ao sepulcro. No entanto, a planta do casal alemão, produzida durante a visita ao local em 8 de Outubro de 1953 (Arquivo Leisner, Leis58), apresenta a planta e alçado de uma anta com câmara poligonal alongada de 8 esteios de xisto, de que restavam quatro esteios *in situ*, da cabeceira e lado sul, e outros quatro, do lado norte, parecendo não se encontrar totalmente nas suas posições originais. Além da câmara anotaram ainda um possível esteio de corredor do lado sul. A dimensão aproximada do sepulcro rondava os 2,40 m de comprimento por 1,50 m de largura máxima e 1 a 1,40 m de altura. O eixo de entrada da anta orientava-se para E10° S (Arquivo Leisner, Leis58; Leisner & Leisner, 1959, p. 62 e Tafel 10, 2).

Tendo em conta o apontamento de N. Delgado, os dados descritivos e gráficos mais detalhados do casal Leisner levam a considerar como mais plausível a sua planta e alçado. Aliás, a possibilidade de estes terem registado uma anta diferente não nos parece crível, porque eles terão visitado muitos dos sepulcros megalíticos de Elvas, nomeadamente de Vila Fernando, na companhia de A. L. Agostinho, quiçá no ano de 1934, durante a visita para o desenho dos materiais depositados no Museu de Elvas, ou em anos posteriores, quando ficaram hospedados em casa

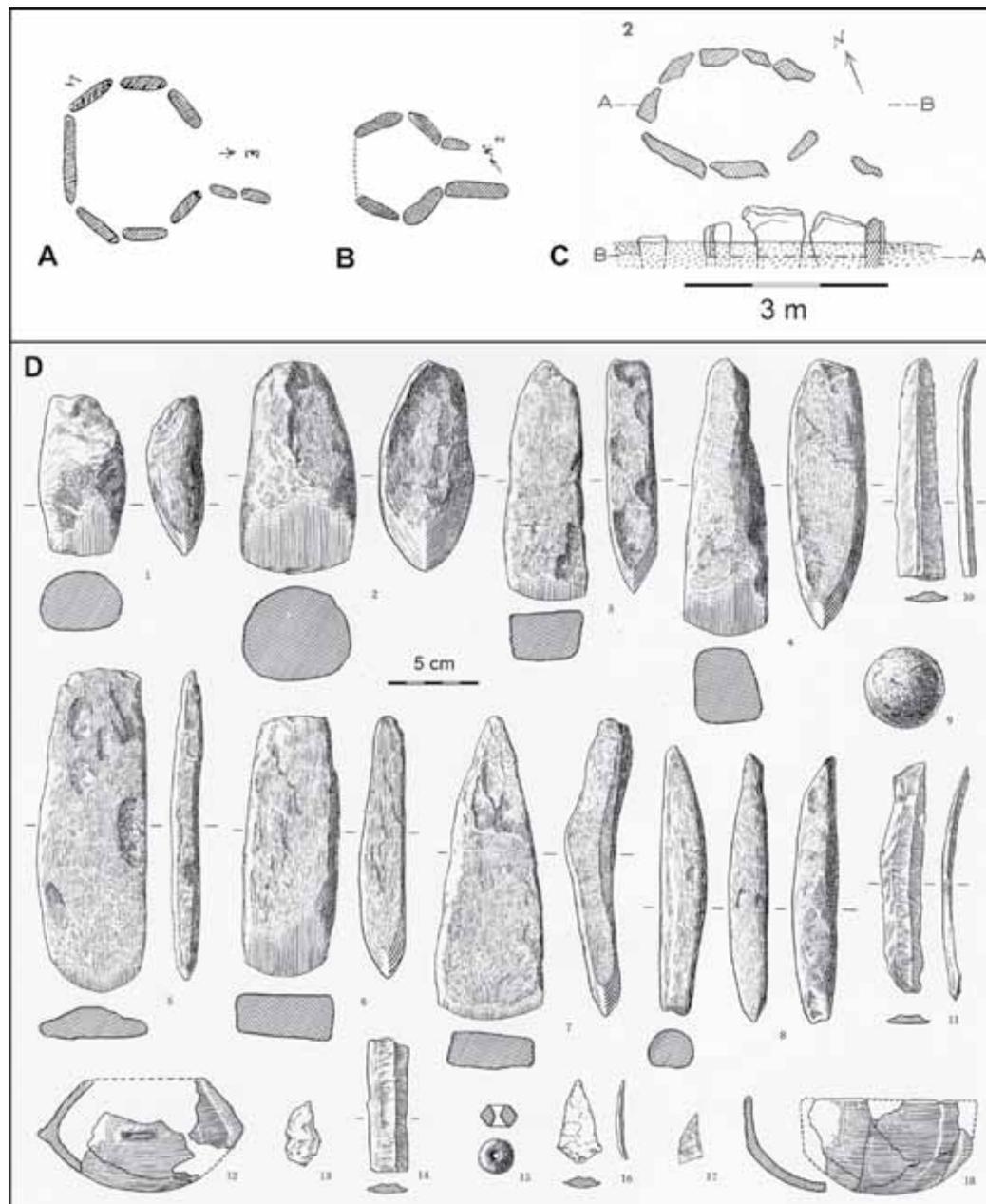


Fig. 3 – Plantas da anta de Sobreira 1: A – (Viana, 1950); B – (Viana & Deus, 1955); C-D – planta e espólio (Leisner & Leisner, 1959, Tafel 10: 2).

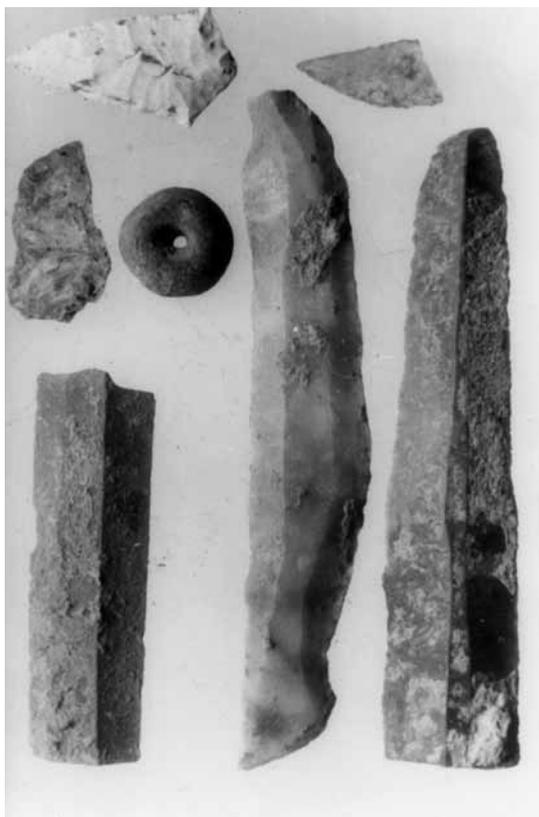
daquele funcionário (Agostinho, 1945 – Doc. 1) e de quem obtiveram diversas informações pessoais acerca das escavações efectuadas (Leisner & Leisner, 1959). Mas também, em 1953, poderão tê-lo efectuado com a orientação de A. D. Deus, com quem mantinham contacto e já tinham visitado no ano anterior outros sepulcros da região, conforme se depreende do epistolário do casal alemão com A. Viana (Leisner, 1952, 1954 – Doc. 3-4; Viana, 1952 e 1954 – Doc. 2 e 5). Importa ainda realçar o facto de esta anta ter

sido construída com esteios de xisto, apesar de ter sido implantada em substrato calcário cristalino, distando cerca de 1 km da zona mais próxima de rochas hercínicas (Fig. 2).

## 2. O espólio funerário

O espólio conhecido da anta de Sobreira 1 corresponde àquele recolhido e listado no século XIX, constituído por peças líticas e ce-

Fig. 4 – Geométrico crescente ou ponta de seta (no canto superior direito), restantes líticos lascados e conta bitroncocónica de Sobreira 1 (Foto do Arquivo Leisner, DGPC).

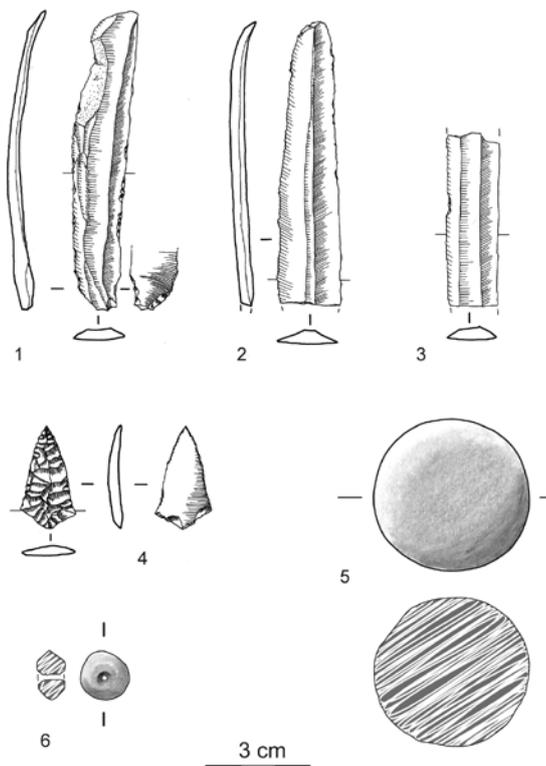


râmicas, e restos osteológicos humanos, sem qualquer notícia de registo acerca do seu tipo de jazida ou contexto estratigráfico. A maior parte dos objectos e artefactos foram apresentados pelo casal Leisner (1959, Tafel 10, 2; Fig. 3D). Optou-se no entanto, por redesenhá-los para este trabalho, adicionando mais alguns elementos. As excepções foram um fragmento de uma peça aparentemente de sílex e talhada bifacialmente, que poderia ser uma ponta de seta ou uma espécie de geométrico do tipo crescente (Leisner & Leisner, 1959, Tafel, 10, 2), uma provável pequena lâmina de quartzo hialino — referida por A. Viana — e “uma conchinha” de lesma *Testacella maugei*<sup>4</sup>, hoje não relocalizados no Museu Geológico. O referido crescente / ponta de seta já não é mencionado no inventário realizado na década de 1990, mas teve o seu desenho efectuado com data de 1 de Maio de 1944 (Arquivo Leisner, Leis58), posteriormente publicado (Leisner & Leisner, 1959). Além disso apenas foi possível encontrar no arquivo do casal Leisner uma fotografia pouco nítida da referida peça (Fig. 4), que não permitiu sanar as dúvidas colocadas.

O conjunto de líticos lascados (Fig. 5, 1–4) é então constituído por três lâminas de sílex, sem e com retoque, uma ponta de seta de sílex branco de base convexa com barbelas, o possível geométrico crescente ou ponta de seta, talvez de sílex, e uma lasca de quartzo hialino, assemelhando-se a um esboço de ponta de seta (Fig. 4). Curiosamente, A. Viana & A. D. Deus (1955, p. 17), ao descreverem o espólio anotavam três pontas de seta, provavelmente referindo-se àqueles três elementos, indicando uma peça de sílex e duas de quartzo. Estes referiam ainda um “fragmento de faca de cristal de rocha negro”, acima mencionado e não localizado, mas também já não registado pelo casal Leisner (1959).

Os nove instrumentos líticos polidos (Fig. 6) perfazem o conjunto mais numeroso e coincidem com as versões dos autores anteriores. Neste grupo, com base na classificação utilizada noutros trabalhos (Boaventura, 2001, 2009), foi possível anotar uma goiva, cinco enxós e três machados, ainda que um destes últimos apresentava a parte distal de tal forma romba que

Fig. 5 – 1-4 – Líticos lascados de Sobreira 1 (des. F. Sousa). 5-6 – Esfera de calcário e conta de colar (des. I. Conde e R. Boaventura)



<sup>4</sup> Além de referência na publicação, A. Viana (1951) confirmava a existência deste elemento no Museu Geológico por informação de O. V. Ferreira.

a sua utilização como martelo deve ser anotada. Todas as peças são genericamente de anfíbolite, apresentando um polimento parcial das suas superfícies, sobretudo do terço distal, com a excepção da goiva, o possível machado e uma enxó, que têm as superfícies mais extensivamente cuidadas. Aliás, esta característica deverá relacionar-se com as secções transversais circulares destes três instrumentos, que suscitaram maior labor, restando os outros instrumentos com secções poligonais.

Além dos instrumentos líticos mencionados, recolheu-se ainda uma conta bitroncocónica de anfíbolite (Figs. 5 e 6).

A pedra afeiçãoada está apenas representada por uma esfera em pedra calcária integralmente picotada, que resultou na produção daquele sólido geométrico (Fig. 5, 5). Regista-se ainda um seixo de quartzito achatado trapezoidal sem sinais de percussão ou abrasão.

Os fragmentos cerâmicos recuperados permitiram a reconstituição de um número máximo de sete e um mínimo de cinco recipientes, dois ou três deles carenados (Fig. 7). Contudo, apenas dois desses contentores foram publicados pelo casal Leisner (1959, Tafel 10, 2, 18, 12; Fig. 3D): respectivamente uma taça quase completa e um recipiente carenado fechado, com um mamilo na carena. No entan-

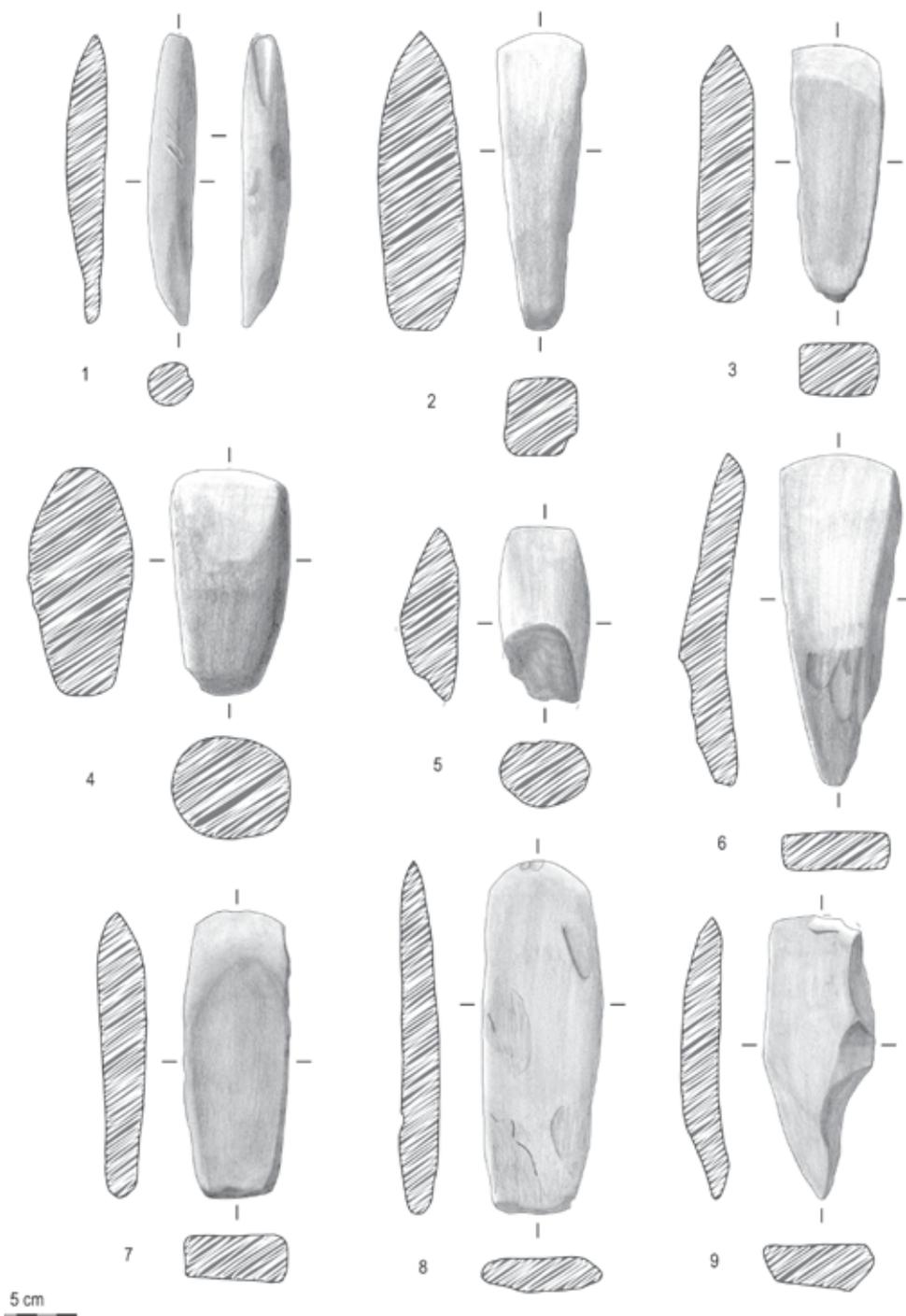


Fig. 6 – Instrumentos de pedra polida de Sobreira 1: 1 – goiva (MG- 176.12); 2-3 – machados (MG- 176.15 e 176.14); 4 – machado ou martelo (MG- 176.19); 5-9 – enxós (MG- 176.20, 176.17, 176.13, 176.18 e 176.18). (des. I. Conde e R. Boaventura).

to, a reconstituição apresentada pelo casal alemão deste último vaso deve ser encarada com precaução, pois os dois fragmentos, do fundo e carena (MG-176.5) e do bordo e carena (MG-176.2) não encaixam em nenhuma das suas fracturas. Apesar da similitude de pastas cerâmicas, estes são aqui representados separadamente (Fig. 7, 5 e 6). O outro

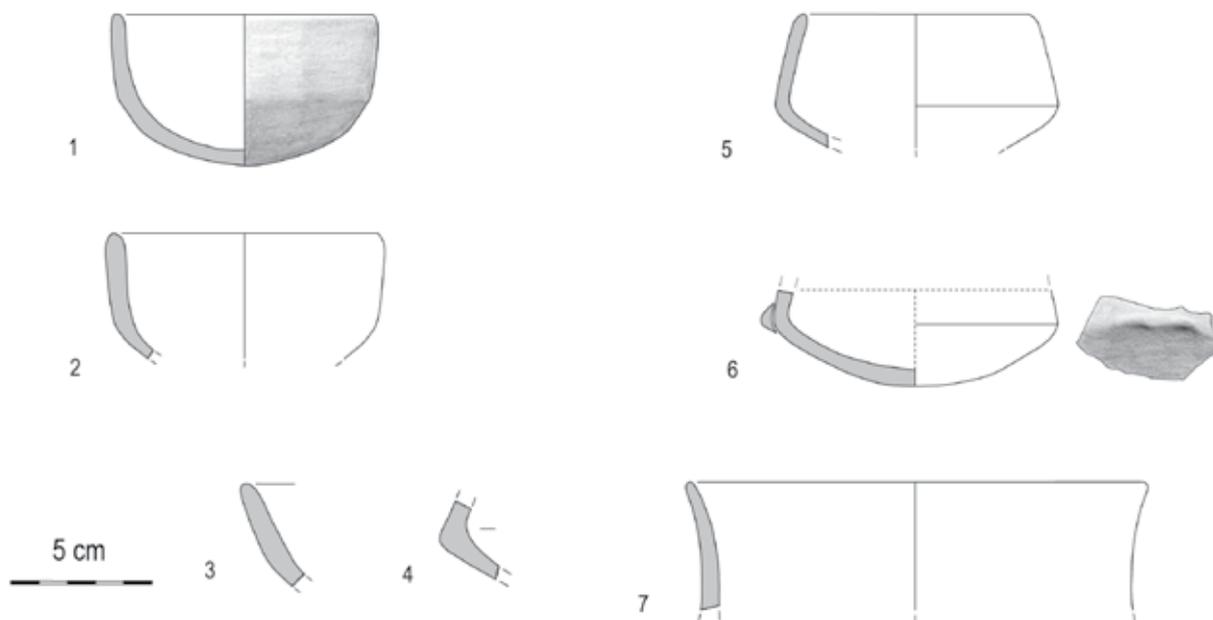


Fig. 7 – Recipientes cerâmicos de Sobreira 1 (des. I. Conde e R. Boaventura).

fragmento de carena (Fig. 7, 4; MG-176.11) não parece compatível com os fragmentos anteriores. Os restantes recipientes apresentam formas abertas do tipo taça (Fig. 7, 1–3; MG-176.10 e MG-176.7) e um vaso (Fig. 7, 7; MG-176.1).

O espólio recolhido na anta de Sobreira 1 é relativamente coerente de um ponto de vista crono-cultural, apontando para um pacote frequente da segunda metade do IV milénio a.n.e., sobretudo os instrumentos líticos polidos e as peças laminares, mas também compatíveis ainda na transição para o III milénio a.n.e., juntamente com a ponta de seta — aliás a tipologia deste projectil com base convexa marca este momento de transição, precedendo a rápida expansão no Alentejo de pontas de seta com bases rectas e côncavas (Forenbaher, 1999). Os recipientes cerâmicos também não destoam no conjunto, sobretudo com formas frequentes da transição e primeira metade do III milénio a.n.e.

Porém, a única datação realizada até o momento (ver abaixo) situa pelo menos uma deposição humana em meados do IV milénio a.n.e. — 3650–3500 (85,2%); 3430–3380 (10,2%) cal BCE, 2 sigma. Ainda que os elementos artefactuais descritos e enquadrados acima sejam frequentes na segunda metade e transição para o III milénio a.n.e., a pre-

sença em momentos mais recuados de alguns destes tipos não seria estranha, bem pelo contrário, nomeadamente os instrumentos líticos polidos e as lâminas delgadas e pouco retocadas, ou ainda o possível geométrico, se o era, de facto.

### 3. O espólio antropológico

A série osteológica recolhida da anta de Sobreira 1 e guardada no Museu Geológico compunha-se, à data do seu estudo, de 128 fragmentos ósseos, dos quais 14 não foram passíveis de identificação detalhada, e 21 dentes, 5 dos quais ainda inseridos nos alvéolos. Dos restos ósseos, 13 são pequenas esquirolas de ossos longos e um tem dimensões tão reduzidas e tais alterações tafonómicas que impedem qualquer classificação anatómica, sabendo-se apenas tratar-se de um fragmento de osso humano. Entre esses 14 fragmentos de ossos longos não identificáveis, dois são de indivíduos imaturos.

Ao longo da análise laboratorial seguiram-se as metodologias recomendadas na análise antropológica de populações do Neolítico e Calcolítico do território português (Silva, 2002, 2003), de forma a facultar uma homogeneização metodológica que permita a comparação dos resultados obtidos.



Fig. 8 – Ossos longos representativos do elevado grau de fragmentação do espólio ósseo humano de Sobreira 1 (foto de R. Boaventura).

### 3.1. Breve crítica tafonómica

O material osteológico humano procedente de Sobreira 1, então etiquetado como “Dólmen de Vila Fernando”, apresenta-se bastante fragmentado. De facto, nenhuma das 128 peças ósseas recuperadas está completa, sendo que a maioria está representada por menos de metade da sua dimensão original (Fig. 8). Os fragmentos ósseos mostram fracturas *post mortem* antigas (com bordos bastante erodidos) e outras com um aspecto recente, o que, a par da inexistência de ossos inteiros, aponta para uma intensa manipulação do material ao longo do tempo. Até porque, sendo o tecido cortical bastante denso, não terá sido a fragilidade óssea uma das principais causas da elevada taxa de fragmentação. Observa-se ainda a deformação de algumas peças ósseas por acção mecânica dos sedimentos.

A selectividade das peças ósseas durante a escavação e/ou no armazenamento posterior é outro aspecto a considerar. Ainda que o conjunto osteológico estudado permita estabelecer um número mínimo de seis indivíduos, a quantidade deste material não corresponde à totalidade das peças ósseas expectáveis para a meia dúzia de esqueletos. No entanto, a presença de pequenos ossos, como falanges, metacárpicos e metatársicos, prova o carácter primário do sepulcro, corroborando o argumento da insuficiência do material osteológico para a representação de seis indivíduos. Aliás, o facto de A. L. Agostinho também ter encontrado restos ósseos durante a sua pesquisa (Viana & Deus, 1955) reforça a impressão de uma recolha selectiva ou, pelo menos, limitada durante a pesquisa de N. Delgado. Os fragmentos ósseos, com uma coloração castanho-amarelada, mostram bastante ero-

Fig. 9 – Fragmento de fémur com superfície óssea corroída por acção da água – norma posterior (foto R. Boaventura).



são quer da superfície quer de algumas zonas de fractura *post mortem* (o que atesta o seu carácter antigo), bem como marcas características do efeito da água presente nos sedimentos e de pequenas raízes, com as consequentes acções física e química (Fig. 9).

### 3.2. Caracterização demográfica

A tabela 1 mostra os resultados obtidos para os vários ossos, sendo que o número mínimo de indivíduos (NMI) adultos da amostra em estudo é de três, com base em diversos ossos e no primeiro molar inferior direito, sendo pois este resultado bastante coerente. O número máximo de indivíduos é ligeiramente superior, cinco, e foi obtido pelo fémur direito. Quanto ao NMI de não-adultos, após o cruzamento dos dados relativos às peças ósseas recuperadas, estima-se também em três, um com cerca de 4 a 6 anos de idade à morte e os outros dois com cerca de 6 a 9 anos (Fig. 10). O recenseamento dos dentes (Boutillier, 2007) aponta para um NMI de quatro, com base no primeiro dente molar direito inferior, um deles correspondendo a um indivíduo com uma idade à morte por volta dos 10 anos, portanto compa-

tível com as idades obtidas em alguns ossos. Apenas uma peça óssea de um indivíduo adulto permitiu ilações acerca da sua idade à morte: um fragmento craniano composto por parte do frontal, pelo parietal direito e pela porção superior do occipital (espécime MG-176.32.002) com as suturas completamente obliteradas, sugerindo um indivíduo com mais de 40 anos de idade à morte. Também para a diagnose sexual, apenas um osso forneceu resultados fidedignos: um terço proximal de fémur direito (MG-176.36.004) cujos diâmetros da cabeça (vertical = 39 mm e transversal = 38 mm) apontam para o sexo feminino (Fig. 11).

O achatamento das diáfises do fémur e da tibia são traduzidos, respectivamente, pelos índices platimérico e platicnémico. Diversos estudos sugerem que o achatamento destes ossos diminui com a sedentarização das populações (Larsen, 1997, 2000; Lovejoy & alii, 1976), sendo o índice platicnémico menor em populações sujeitas a *stress* mecânico intenso (Lovejoy & alii, 1976). Na presente série osteológica, apenas foi possível a tomada de medidas no referido fémur direito (MG-176.36.004) e numa tibia esquerda (MG-176.36.005) (Fig. 12). O fémur é platimérico (81,5) e a tibia é



Fig. 10 – Metade proximal de fémur e metade distal de úmero esquerdos de indivíduos não adultos - norma anterior (foto R. Boaventura).

mesocnémica (67,7), ou seja, o fémur revela achatamento e a tíbia não. Os valores encontrados estão no âmbito de outros obtidos para populações coevas (Silva, 2002, 2003). Este achatamento da região proximal do fémur tem sido interpretado como reflexo de uma mobilidade diária considerável por parte de, pelo menos, alguns destes indivíduos, o que poderia estar relacionado com actividades de pastorícia. De referir ainda que um úmero direito incompleto (MG-176.30.010) apresenta abertura septal, sendo o também o único com essa zona anatómica preservada. A fragmentação dos ossos longos e dos metatársicos impediu a estimativa da estatura destes indivíduos.

pesquisa das entesopatias (patologia degenerativa não articular) foi deveras limitada face ao elevado estado de fragmentação das peças osteológicas. Detectou-se somente uma lesão entesopática ligeira na *linea aspera* do fémur direito (MG-176.36.004) e artrose, também ligeira, na sua fóvea — articulação da anca (Fig. 11). Ainda assim, estes poucos dados deixam adivinhar uma recorrente utilização com esforço, pelo menos, das pernas, pois esta mulher muito jovem — ainda é notória a linha epifiseária da cabeça do fémur — já mostra sinais de lesões degenerativas, facto que está em concordância com a platimeria dessa peça óssea.

No que concerne a patologia oral, a total

Quadro 1 – Estimativa do número mínimo de indivíduos adultos a partir dos diversos tipos de ossos preservados da anta de Sobreira 1.

### 3.3. Lesões e patologias

A fragmentação do material, associada à erosão das superfícies ósseas, dificultou bastante a observação de lesões e, por conseguinte, a análise paleopatológica desta pequena série. Como a maioria das extremidades dos ossos longos está fragmentada, a análise da artrose (patologia degenerativa articular) ficou severamente comprometida. Também a

OSSO	ESQUERDO	DIREITO	OSSO	ESQUERDO	DIREITO
Crânio	3		Tíbia	3	3
Mandíbula	2		Fíbula	0	0
Clavícula	0	3	Calcâneo	1	3
Úmero	3	3	Navicular	1	0
Rádio	2	2	1º metatársico	1	1
Ulna	3	1	3º metatársico	2	0
1º metacárpico	1	0	4º metatársico	1	0
Fémur	1	2	5º metatársico	2	0

Fig. 11 – Terço proximal de fémur direito de indivíduo do sexo feminino - norma posterior (foto R. Boaventura).



ausência de cáries (0/21) pode ser devida à fraca preservação ou recolha selectiva do material, e não a uma representação do estado sanitário dos indivíduos desta amostra. Também a análise do tártaro pode estar subestimada, com apenas oito dentes em 21 com depósitos de tártaro (38,1%), não sendo de excluir a queda destas películas por factores tafonómicos. Pouco mais de metade dos dentes (12 de 21 = 57,1%) sofreu de desgaste dentário fraco a moderado. Cinco dentes exibem defeitos no esmalte na forma de hipoplasias lineares, três dos quais pertencem ao mesmo fragmento mandibular e os restantes dois, soltos, correspondem a um NMI de um. Estas linhas representam paragens de crescimento do esmalte devido a períodos de *stress* fisiológico.

### 3.4. Síntese da análise antropológica

A pequena série osteológica procedente da anta de Sobreira 1 é constituída por 128 fragmentos de dimensões reduzidas e exibindo várias alterações tafonómicas. O número

mínimo de indivíduos é de seis, três adultos — um deles talvez com idade superior aos 40 anos e um outro do sexo feminino — e três não-adultos com idades à morte compreendidas entre os 4 e os 9 anos. Devido à grande fragmentação do material, assim como à fraca preservação da superfície óssea, a caracterização destes indivíduos a nível paleodemográfico, morfológico e patológico ficou bastante comprometida. Todavia, pelo exposto, a vida destes indivíduos seria árdua, havendo paragens no seu crescimento que ficaram marcadas nos seus dentes na forma de hipoplasias do esmalte, devidas a carências nutricionais ou doenças, ou mesmo a uma combinação de ambos factores de *stress*. Sabemos também que, pelo menos um indivíduo, seria um adulto jovem do sexo feminino, que estaria sujeito a uma actividade física intensa, provavelmente porque as suas actividades diárias implicariam numerosas caminhadas.

### 4. Datação pelo radiocarbono

O pequeno conjunto de indivíduos calculado para a anta de Sobreira 1 adequar-se-ia a uma série curta de datações pelo radiocarbono, possibilitando uma análise global para aquelas deposições. Contudo, por limitações financeiras apenas foi possível efectuar uma datação do fémur humano (MG-176.36.04) atribuído ao adulto jovem do sexo feminino, referido atrás.

A calibração da data Beta-233283 -  $4770 \pm 40$  BP foi efectuada recorrendo ao programa OxCal 4.1.3. (Bronk Ramsey, 2001, 2008, 2009) que utiliza as curvas de calibração IntCal09 e Marine09 (Reimer & alii, 2009). O resultado a 2 sigma situa aquele indivíduo em meados do IV milénio a.n.e., recuando o período de utilização da anta de Sobreira 1, que, pela análise artefactual, se situaria essencialmente na segunda metade do IV milénio a.n.e. e na transição para o seguinte. Alarga-se assim o hipotético período de utilização deste sepulcro, entre meados do IV e a transição para o III milénio a.n.e.

### Considerações finais

A pesquisa e recolha de N. Delgado possibilitaram não só a salvaguarda do espólio arqueológico, mas também do osteológico humano, cujos estudos foram aqui revistos e ampliados. Apesar de não ser possível saber quanto do espólio depositado na anta de Sobreira 1 se perdeu, com base no estudo do que nos chegou é plausível que este sepulcro de pequenas dimensões não tivesse albergado um elevado número de efectivos, à semelhança do que as informações vagas dos sepulcros vizinhos parecem indicar. Assim, o parco espólio artefactual assevera-se proporcional com o número mínimo de seis indivíduos calculado, sem que esta presuntiva associação seja estratigraficamente demonstrável, quedando-se por ser apenas uma dedução circunstanciada.

Por outro lado, a extensão temporal que as datações relativa e absoluta nos fornecem parece demasiado dilatada para o pequeno efectivo de deposições humanas. Uma forma de o tentar esclarecer, seria expandir o número de datações aos restantes indivíduos, mas mesmo isso poderá revelar-se insuficiente.

Portanto, a pequena anta de Sobreira 1 terá sido provável e inicialmente utilizada em meados do IV milénio a.n.e. perdurando o seu uso, pelo menos, a par de outros sepulcros vizinhos, até os finais deste milénio e transição para o seguinte. Os corpos terão sido ali deixados em deposição primária, correspondendo a adultos e não-adultos, sendo pelo menos um dos primeiros do sexo feminino.

O estudo e análise exaustiva de colecções arqueológicas e antropológicas provenientes de escavações antigas, algumas centenárias, depositadas nos fundos de museus, tem vindo a ser desenvolvida de forma sistemática nas últimas duas décadas (Silva, 1996, 2002, 2003, 2008; Silva & alii, 2006; Silva & Ferreira, 2007; Boaventura, 2009). Ainda que essas colecções padeçam de diversas limitações, contextuais e preservativas, o estudo destes espólios esquecidos constitui um vestígio não negligenciável e, muitas vezes, único das populações do passado. Os dados revelados pela análise do espólio preservado da anta de Sobreira 1 confirma a pertinência destes estudos para o conhecimento de populações humanas que nos antecederam no actual território português.

### Agradecimentos

Ao Director do Museu Geológico, Miguel Ramalho, e aos seus funcionários José Moita e José Sequeira toda a atenção e apoio concedidos, bem como a Paula Serrano, responsável pelo Arquivo Histórico, Geológico e Mineiro do LNEG.

### Bibliografia citada

- AGOSTINHO, Catarina Paiel (1945) - [Carta] 1945 Maio 27 [a] Georg Leisner [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca da Direção Geral do Património Cultural. Lisboa, Portugal. Arquivo Leisner.
- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- BOUTILIER, David (2007) - Report on dental remains from the Dolmen of Vila Fernando. Policopiado.
- CARNEIRO, Ana (2001) - The travels of Nery Delgado (1835–1908) in the context of the Portuguese geological survey. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. Lisboa. 99, pp. 277–292.
- CARNEIRO, Ana (2005) - Outside government science, "not a single tiny bone to cheer us up!" the geological survey of Portugal (1857–1908): the involvement of common men, and the reaction of civil society to geological research. *Annals of Science*. London. 62, pp. 141–204.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2001) - Development of the Radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. 43, p. 355–363. OxCal 4.1, Last Updated: 15/01/2010. < <http://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html> >.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2008) - Deposition models for chronological records. *Quaternary Science Reviews*. 27, p. 42–60. OxCal 4.1, Last Updated: 15/01/2010. < <http://c14.arch.ox.ac.uk/oxcal.html> >.
- BRONK RAMSEY, Christopher (2009) - Bayesian analysis of radiocarbon dates. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 51:1, pp. 337–360.

- DELGADO, Joaquim Nery (1895) - De Villa Fernando a Villa Boim, Terrugem [apontamento manuscrito] 11 de Junho de 1895. In *Nery Delgado: Apontamentos de campo, 1858; Alentejo, Extremadura; Algarve (Campanha de 1859)*. Acessível no Arquivo Histórico, Geológico e Mineiro do LNEG.
- DEUS, António Dias de; VIANA, Abel (1953) - Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 4, pp. 227–240.
- DIAS, Ana Carvalho; LAGO, Miguel (1992) - [Exposição: *As antas de Elvas*]. Elvas: Câmara Municipal.
- FORENBAHER, Stašo (1999) - *Production and exchange of bifacial flaked stone artifacts during the Portuguese Chalcolithic*. Oxford: Archaeopress.
- LEISNER, Georg (1952) - [Carta] 1952 Agosto 9 [a Abel Viana] [duplicado dactilografado]. Acessível na Biblioteca da Direção Geral do Património Cultural. Lisboa, Portugal. Arquivo Leisner.
- LEISNER, Georg (1954) - [Carta] 1954 Março 15 [a] Abel Viana [duplicado dactilografado]. Acessível na Biblioteca da Direção Geral do Património Cultural. Lisboa, Portugal. Arquivo Leisner
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH, 2ª edição. Reprodução do original de 1951.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter Co., vol. 2.
- LEITÃO, Vanda Maria Viana Soares (2004) - *Assentar a primeira pedra: as primeiras Comissões Geológicas portuguesas (1848–1868)*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- LOPES, Carla (1993) - *O Megalitismo d'Elvas: uma abordagem quasi espacial*. Seminário de Arqueologia. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Policopiado.
- NETO, Maria Cristina Santos (1976–1977) - Notícias inéditas sobre dolmens em Portugal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 99–107.
- REIMER, Paula J.; BAILLIE, Mike G. L.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BERTRAND, Chanda J. H.; BLACKWELL, Paul G.; BRONK RAMSEY, Christopher; BUCK, Caitlin E.; BURR, George S.; EDWARDS, R. Laurence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERSON, Thomas P.; HAJDAS, Irka; HEATON, T. J.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KAISER, Klaus Felix; KROMER, Bernd; McCORMAC, F. Gerry; MANNING, Sturt W.; REIMER, Ron W.; RICHARDS, D. A.; SOUTHON, John R.; TALAMO, Sagra; TURNEY, Chris S.; VAN DER PLICHT, Johannes; WEYHENMEYER, Constanze E. (2009) - IntCal09 and Marine09 radiocarbon age calibration curves, 0–50,000 years cal BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 51:4, pp. 1111–1150.
- SILVA, Ana Maria (2002) - *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final / Calcolítico*. Tese de Doutoramento em Antropologia Biológica. Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra.
- SILVA, Ana Maria (2003) - Portuguese populations of Late Neolithic and Chalcolithic periods exhumed from collective burials: an overview. *L'Anthropologie*. Paris. 41:1–2, pp. 55–64.
- SILVA, Ana Maria (2008) - Os ossos humanos. In GONÇALVES, Victor S. - *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais): uma revisão e algumas novidades*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 148–157.
- SILVA, Ana Maria; FERREIRA, Maria Teresa (2007) - Os ossos humanos “esquecidos” da Praia das Maças: análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Conimbriga*. Coimbra. 46, pp. 5–26.
- SILVA, Ana Maria; FERREIRA, Maria Teresa; CODINHA, Sónia (2006) - Praia da Samarra: análise antropológica dos restos ósseos humanos depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 157–169.
- VIANA, Abel (1950) - Contribuição para a arqueologia dos arredores de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova Série. 12:3–4, pp. 289–322.
- VIANA, Abel (1951) - [Bilhete postal] 1951 Março 14 [a] O. V. Ferreira [manuscrito]. In CARDOSO, João Luis (2008) - Correspondência seleccionada enviada a O. Da Veiga Ferreira: Cinquenta anos de actividade arqueológica (1946–1995). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, pp. 383–408.
- VIANA, Abel (1952) - [Bilhete postal] 1952 Agosto 8 [a] Georg Leisner [manuscrito]. Acessível na Biblioteca da Direção Geral do Património Cultural. Lisboa, Portugal. Arquivo Leisner.
- VIANA, Abel (1954) - [Bilhete postal] 1954 Março 19 [a] Georg Leisner [manuscrito]. Acessível na Biblioteca da Direção Geral do Património Cultural. Lisboa, Portugal. Arquivo Leisner
- VIANA, Abel (1956) - *Algumas notas sobre António Dias de Deus e suas pesquisas arqueológicas no concelho de Elvas*. Beja.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1952) - Exploración de algunos dolmenes de la región de Elvas, Portugal. In *Crónica del II Congreso Arqueológico Nacional, Madrid, 1951*. Zaragoza: Secretaría Nacional de los Congresos, pp. 185–201.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova Série. 15:3–4, pp. 143–189.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1957) - Mais alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal). In *Congreso Arqueológico Nacional, 4, Burgos, 1955*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos, pp. 89–100.

## Anexo documental

### Documento 1 – Carta de Catarina Paiel Agostinho (viúva de A. L. Agostinho) a G. Leisner (Agostinho, 1945).

“Coimbra, 27 de Maio de 1945

Exmo. Senhor Dr. Georg e Exma. esposa

Foi para mim grande // surpresa ao mesmo tempo alegria // receber notícias de V. Exa. apesar // de me encontrar no abismo duma // grande dôr motivada pela perda // do meu saudoso marido que faleceu // no dia 30 de Outubro, nesta cidade // por motivo de uma operação.

Vejo que ignoravam o seu falecimento // como prova terem-lhe enviado a proleção [sic] // de V. Exa; O Dolmen de falsa cúpula de // Vale de Rodrigo o que muito penhoradamente // agradeço pois o estimarei como se o meu mari-//do fôsse vivo pois muito grato ficaria pela // oferta. Pela minha carta já V. Exa. Deve // calcular que não me encontro em Vila Fernando // mas sim em Coimbra desde a data do faleci//mento de meu marido. Recordo com saudade // o tempo que os tive em minha casa por me // encontrar com tão boas companhias e ver que // o meu saudoso marido se sentia tão feliz com // a companhia de V. Exa. no estudo de uma ciencia // que tanto adorava. Tenho aqui a coleção // que várias pessoas teem vindo ver. Entre elas // conta-se o Sr. D. Manuel Heleno.

Muito gostaria de possuir as plantas onde // estas peças foram encontradas. Quando // da partida de V. Exas. de Vila Fernando fizeram // o favor de nos tirar umas fotografias; agradecia // desde já se fôsse possível mandar-me // as chapas visto ser as últimas onde estou com meu marido e as únicas com // V. Exas. Depois mandar-lhes-ei as chapas[.] Desculpar-me-hão fazer este // pedido mas como são bons não deixarão // de me satisfazer[.] Sempre ás ordens // de Vossas Excelencias aqui em Coimbra // no Bairro de Sta. Justa nº 1 onde espero // de todo o coração receber noticias de //

V. Exas./Criam-me muito // reconhecida pela valio-//sa oferta.

[assinado] Catarina Paiel Agostinho”

### Documento 2 – Bilhete postal manuscrito de Abel Viana a Georg Leisner (Viana, 1952).

“Beja, 8/8/952.

Exmo. Senhor Prof. Georg Leisner:

Seguem os mapas assim como // o folheto do Dr. Pina Manique e o meu // e o do Sr. Dias de Deus. Os dolmens vão // marcados a lápis vermelho, nos mapas. // No meu folheto, vão numerados a lá-//pis azul. Quando se publicou em folheto // ainda não tínhamos feito o mapa dos // dólmens da região de Elvas. Este mapa foi organizado para trabalho mais ex-//tenso, já entregue para publicação.

Se desejarem mais alguma coisa, é // favor escreverem-me para Rua de Manuel Espregueira, 225, Viana do Castelo, // de 12 de Agosto a 12 de Setembro. Os tra-//balhos que possuo, da autoria do Srs. Profs. Leisner // são: “O Dólmen de falsa cúpula de Vale de Rodrigo”, “Antas dos arredores de Évora”, e a obra grande, // escrita em língua alemã. Se tiver algum // folheto que me possa dispensar, imen-//samente o agradecerei.

Queira díspor do seu muito // admirador, [assinado] Abel Viana.”

### Documento 3 – Duplicado dactilografado de carta de Georg Leisner a Abel Viana (Leisner, 1952).

“Dr. G. Leisner

Lisboa, 9.8.1952

Calçada da Boa Hora 65 B

Meu prezado amigo e colega,

Acabamos de receber os mapas com a indicação dos dól-//menes de Elvas assim como dois sobretiros e agradecemos // sinceramente que V. Exa. quis, com tanta amabilidade e tanta // pressa, responder ao nosso pedido. Admiramos o excelente tra-//balho que Va Exca e o Sr. Dias de Deus estão a realizar na-//quela região, trabalho que se impõe de urgência por causa // da destruição actual dos monumentos. Na região ao sul de Elvas // e na Juromenha ainda faltam apontamentos seus, provavelmen-//te por causa de sua exploração ainda não estar acabada. // Visitamos ali, ha muitos anos, alguns monumentos importantes // na quinta da Sardinha, na do Vale os Mouros, a 4 Quilometros // de Elvas, assim como outros na margem do rio Guadiana (S. // Rafael, Courela dos Covetos y Mt. Ruivo).

Se Va Exca., na sua viagem ao norte do País, tivesse // ocasião de falar com qualquer pessoa competente da Vila de // Povoia do Varzim, seria interessante de verificar o seguinte:// Disseram-nos que o rev. Padre Brenha, explorador dos dólmenes // da Serra do Alvaio, Vila Pouca d'Aguiar, passou os últimos anos // da sua vida em Povoia de Varzim, e que talvez existissem ali // ainda objectos das suas excavações. A verdade é que os números // dos objectos guardados nas colleções de Belem. do Porto e // do padre Rodriguez, em Teloas, não atinge o dos espólios // indicados nas publicações, faltando, nelas, sobretudo los // silices.

Esperamos de pudermos, em breve, visitar as coleções // organizadas por Va Exca., assim como é o nosso desejo de // continuar a trazar impressões científicas. Reiterando a // expressão da nossa gratidão e desejando a Va. Exca. Uma viagem // feliz, // fico com muitos cumprimentos, também da parte da // minha mulher // sempre amigo dedicado [não assinado]”

**Documento 4 - Duplicado dactilografado de carta de Georg Leisner a Abel Viana (Leisner, 1954).**

“Dr. G. Leisner

Lisboa, 15.3.1954

Travessa de Dom Vasco 4/1 E

Exmo Sr. Abel Viana

Director do Museu Arqueológico, Beja

Excelentíssimo Senhor e colega, // muito agradecemos a remessa do livro sobre as // excavações em Caldas de Monchique, de tão valor científico // e de tão perfeita apresentação. Felicitamos Va. Exca. sincera-//mente! Estudámos também, com o maior interesse, as novas con-//tribuições sobre os dólmenes de Elvas, publicadas no volume // do Zephyrus em homenagem do Padre C. Morán. Com respeito a // este último artigo, temos uma pergunta: na primeira página // Nota 1 Va Exca fala de uma publicação “Notas para o estudo // dos dólmenes da região de Elvas” que aguarda publicação. // Como temos o desejo de incluir as suas modelares investiga-//ções integralmente no segundo tomo dos “Megalithgräber” temos interesse // de saber, quando se podia esperar a dita publicação. // Muito agradeceríamos uma breve notícia acerca do assunto.

Esperamos de encontrar Va. Exca. em Madrid, no próximo mês.

Com os melhores cumprimentos, também da parte da // minha mulher, // fico sempre amigo dedicado [não assinado]”

**Documento 5 – Bilhete-postal manuscrito de Abel Viana a Georg Leisner (Viana, 1954).**

“Beja, 19-3-1954. // Meu Exmo. Amigo. Snr. // Doutor Georg Leisner: Va. Exca. nada tem a // agradecer; eu é que lhes fico muitíssimo // grato. O trabalho intitulado “Notas para o estudo // dos dólmenes da região de Elvas” já esteve em // dois sítios, a fim de ser publicado e, afinal, // devolveram-mo por entenderem que a sua // publicação ficava cara! Vou fazer terceira // tentativa, a ver se sou mais feliz. Se // não mo publicarem na íntegra, farei como // tenho feito a quase todos os meus estudos: // divido-o em 3 ou 4 artiguinhos, publican-//do-os separadamente, em nesta revista, ou-//tro naquela. Fica tudo disperso mas... // a culpa não é minha. Se eu não tives-//se adoptado este procedimento em várias // circunstâncias, a maior parte das minhas // coisas não teria sido publicada. O Dias // de Deus ainda está em Vila Fernando e creio bem que ainda se demorará por // ali. Ele conta ir também a Madrid. Oxa-//lá nos encontremos [todos] no Congresso.// Queira apresentar os meus respeitosos cum-//primentos a Sua Exma. Esposa e dar as // suas ordens ao grato e dedicado admirador. [assinado] Abel Viana”